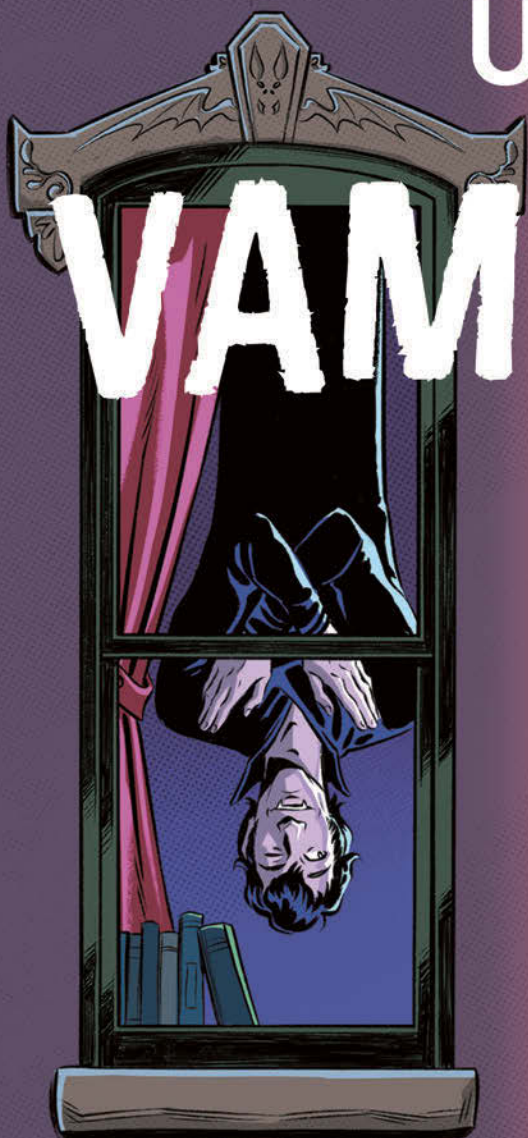


Quem disse que um vampiro centenário
não consegue adaptar-se à vida moderna?

FUI MORAR COM UM

VAMPIRO



JENNA LEVINE

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

TOP
SEL
LER



*Para o Brian, por me fazer sempre rir
e estar sempre disposto a adotar mais um gato.*

UM



***Procura-se pessoa para dividir apartamento espaçoso
no terceiro andar de moradia centenária em Lincoln Park***

Olá. Procuo alguém com quem dividir o meu apartamento. É uma unidade espaçosa para os padrões modernos, com dois quartos grandes, uma área de estar aberta e uma cozinha semiprofissional com zona de refeições. As janelas panorâmicas do lado oriental da moradia proporcionam uma vista impressionante sobre o lago. O apartamento está completamente mobilado ao estilo clássico e com bom gosto. Raramente estou em casa depois do pôr do sol, por isso, se a pessoa tiver um horário de trabalho tradicional, terá normalmente o apartamento só para si.

*Renda: 200 dólares por mês. Não se aceitam animais de estimação.
Queira dirigir todas as perguntas sérias a fffitzwilliam@gmail.com*

- Tem de haver algo de mal com este sítio.
- Cassie, ouve, é uma boa oferta.
- *Esquece, Sam.* — Esta última parte saiu-me com mais brusquidão do que o que eu pretendia, embora não muito. Apesar de precisar

da ajuda dele, o meu embaraço por estar nesta situação tornava difícil aceitar essa ajuda. O Sam tinha boas intenções, mas a sua insistência em envolver-se em cada parte da minha situação atual estava a dar-me cabo dos nervos.

Porém, reconheço o mérito do Sam — o meu amigo mais antigo, que há muito se tinha habituado às minhas reações irritadiças quando andava enervada — por não dizer nada nesse momento. Simplesmente, cruzou os braços sobre o peito, à espera de que eu estivesse pronta para dizer mais alguma coisa. Só precisei de uns momentos para me recompor e começar a sentir-me mal por lhe ter respondido torto.

— Desculpa — murmurei baixinho. — Sei que só queres ajudar.

— Não faz mal — disse ele, compreensivo. — Tens muita coisa em cima de ti. Mas não faz mal acreditares que as coisas podem melhorar.

Eu não tinha razões para acreditar que as coisas podiam melhorar, mas agora não era altura para falar disso. Simplesmente, suspirei e voltei a minha atenção para o anúncio da Craigslist, aberto no meu portátil.

— Tudo o que parece bom demais para ser verdade, normalmente é.

O Sam olhou por cima do meu ombro para o ecrã.

— Nem sempre. E tens de admitir que esse apartamento parece ótimo.

Parecia mesmo. Ele tinha razão quanto a isso. Mas...

— São só duzentos por mês, Sam.

— E então? É um ótimo preço.

Fiquei a olhar para ele, embasbacada.

— Sim, se estivéssemos em 1978. Se alguém pede duzentos por mês, hoje, provavelmente há cadáveres na cave.

— Sabes lá. — O Sam passou a mão pelo cabelo loiro revoltado. Bastava mexer no cabelo para ele se denunciar: era conversa da treta. Desde o sexto ano, pelo menos, que ele tinha esse tique, quando

tentara convencer a nossa professora de que não havia sido eu a desenhar flores cor-de-rosa na parede da casa de banho das raparigas. Nessa altura, ele não a conseguira enganar, eu desenhara *mesmo* aquela paisagem de um prado agressivamente fluorescente, e também não me enganava agora.

Como é que ele ia conseguir ser advogado com tal falta de jeito para ficar impávido e sereno quando mentia?

— Talvez a pessoa não esteja em casa muitas vezes e só queira dividir o apartamento por razões de segurança, e não de rendimento — sugeri o Sam. — Talvez seja idiota e não saiba o que *poderia* cobrar.

Porém, eu continuava cética. Andava a vasculhar na Craigslist e no Facebook desde que o meu senhorio colara um aviso de despejo na minha porta, duas semanas antes, por falta de pagamento da renda. Não havia nada disponível tão perto do Loop por menos de mil por mês. Em Lincoln Park, o preço rondava os mil e quinhentos.

Duzentos não era apenas um pouco abaixo do preço de mercado. Nem sequer estava no mesmo universo que o preço de mercado.

— Também não há fotografias neste anúncio — disse eu. — É outro sinal de alerta. Devia ignorar este e continuar a procurar. — Porque, sim, o meu senhorio iria levar-me a tribunal na semana seguinte se eu não me mudasse antes, e, *sim*, viver num apartamento tão barato iria ajudar-me a controlar as minhas merdas, e talvez até me impedisse de acabar nesta exata situação outra vez, dentro de meses. Mas eu já vivia na Grande Chicago há mais de dez anos. Não podia haver uma oferta assim tão boa em Lincoln Park sem um grande senão.

— Cassie. — O Sam falou num tom calmo e paciente, e mais do que um pouco condescendente. Lembrei-me de que ele só queria ajudar, à maneira típica *dele*, e mordi a língua. — Este apartamento tem uma ótima localização. Está dentro das tuas possibilidades financeiras. Fica suficientemente perto do metro de superfície para chegares

rapidamente aos teus empregos. E, se as janelas forem panorâmicas, como este anúncio diz, aposto que tem muita luz natural.

Os meus olhos arregalaram-se. Não me tinha lembrado da iluminação do apartamento quando li o anúncio. Mas, se tivesse de facto janelas enormes, viradas para o lago, o Sam provavelmente teria razão.

— Talvez pudesse voltar a criar a partir de casa — pensei em voz alta. Já não morava num sítio com boa iluminação para trabalhar nos meus projetos há quase dois anos. Sentia mais falta disso do que gostava de admitir. O Sam sorriu, parecendo aliviado.

— Exato.

— Está bem — admiti. — Pelo menos, estou disposta a pedir mais informações.

O Sam levantou-se e pôs a mão no meu ombro. Esse toque quente e firme acalmou-me, tal como sempre que precisei dele, desde que éramos pequenos. O nó de ansiedade que se tinha instalado, ao que parecia com residência permanente, no fundo do meu estômago, nas últimas duas semanas, começou a desfazer-se.

Pela primeira vez em muito tempo, senti que podia voltar a respirar.

— Vamos ver o apartamento e conhecer a pessoa primeiro, claro — disse ele, de imediato. — Até te posso ajudar a negociar um contrato de arrendamento mensal, se quiseres. Assim, se for mesmo horrível, podes sair sem violar outro contrato.

O que significaria que não teria de me preocupar com outro senhorio zangado a pôr-me em tribunal. Sinceramente, seria uma transigência decente. Se a pessoa se revelasse um assassino ou um libertário ou qualquer outra coisa horrível, o contrato mensal iria permitir-me sair rapidamente, sem compromissos.

— Farias isso por mim? — perguntei. Não era a primeira vez que me sentia mal por ter sido tão brusca com ele ultimamente.

— O que mais posso fazer com uma licenciatura em Direito?

— Para começar, podias ganhar montes de dinheiro na tua empresa, em vez de ajudares quem só faz merda, como eu.

— Estou a ganhar montes de dinheiro na minha empresa, mesmo assim — disse ele, sorrindo. — Mas já que não me deixas emprestar-te nenhum desse dinheiro...

— Não deixo — afirmei. A minha escolha tinha sido tirar uma pós-graduação pouco prática e acabar irremediavelmente endividada com empréstimos estudantis e poucas perspectivas de emprego. Não deixaria que isso fosse um problema de outra pessoa.

O Sam suspirou.

— Pois não. Já falámos disso. Repetidamente. — Abanou a cabeça e acrescentou, num tom mais melancólico: — Gostava que pudesses vir morar connosco, Cassie. Ou com a Amelia. Isso resolveria tudo.

Mordi o lábio e fingi que estudava atentamente o anúncio da Craigslist para não ter de o encarar.

Na verdade, grande parte de mim ficara aliviada por o Sam e o seu marido, o Scott, terem acabado de comprar um pequeníssimo apartamento à beira do lago, que mal dava para eles e os seus dois gatos. Embora morar com eles me poupasse os nervos e o incómodo do que eu estava a passar agora, o Sam e o Scott tinham casado há dois meses. Não só o facto de viver com eles os impediria de curtirem a lua de mel onde e quando lhes apetecesse, como eu achava que os recém-casados tendiam a fazer, mas também seria uma lembrança confrangedora do imenso tempo que passara desde o meu último namoro.

E também uma lembrança constante do fracasso colossal de todos os *outros* aspetos da minha vida.

E, claro, morar com a Amelia estava fora de questão. O Sam não compreendia que a sua irmã perfeita e aprumadinha sempre me desprezara, e considerava-me uma falhada completa. Mas assim era.

Sinceramente, encontrar um sítio para morar que não fosse nem o novo sofá do Sam e do Scott nem o sótão da Amelia em Lakeview era o melhor para todos nós.

— Eu fico bem — disse eu, tentando parecer que acreditava nisso. O meu estômago apertou-se um pouco com o ar preocupado que atravessou o rosto do Sam. — Não, a sério, eu vou ficar bem. Fico sempre, não é?

O Sam sorriu e despenteou-me o cabelo, demasiado curto, no que era a sua maneira de me arreliar. Normalmente, eu não me importava, mas tinha cortado o cabelo drasticamente, por capricho, há duas semanas, porque estava frustrada e precisava de um escape que não exigisse ligação à Internet. Foi mais uma das minhas decisões recentes nada boas. O meu cabelo loiro, espesso e encaracolado tinha tendência a ficar espetado em sítios estranhos, se não fosse cortado por um profissional. Naquele momento, enquanto o Sam continuava a mexer-me no cabelo, eu parecia um marreta que tinha enfiado o dedo numa tomada.

— Está lá quieto — disse-lhe, rindo-me e afastando-me dele. Mas o meu humor estava melhor agora, o que, provavelmente, era a razão pela qual o Sam me tentara arreliar.

Ele pôs-me a mão no ombro.

— Se alguma vez mudares de ideias quanto ao empréstimo... — Não acabou a frase.

— Se eu mudar de ideias quanto ao empréstimo, serás o primeiro a saber — disse eu. Mas ambos sabíamos que nunca mudaria.

Esperei até estar no meu trabalho vespertino, na biblioteca pública, para contactar a pessoa com o quarto de duzentos dólares para arrendar.

De todos os trabalhos a tempo parcial não relacionados com arte que consegui ir encadeando desde que tirei o mestrado, aquele era o meu preferido. Não porque gostasse de todos os aspetos do trabalho, pois não gostava. Embora fosse ótimo estar perto de livros, trabalhava exclusivamente na secção infantil. Alternava entre estar sentada ao

balcão de requisição, a arrumar livros sobre dinossauros, gatos guerreiros e dragões, e responder a perguntas de pais frenéticos com crianças birrentas em idade pré-escolar a reboque.

Sempre me dei bem com crianças mais crescidas. E gostava dos pequenos humanos enquanto conceito abstrato, compreendendo — pelo menos, em teoria — porque é que alguém poderia acrescentar intencionalmente um deles à sua vida. Porém, e apesar de eu e o Sam vermos os gatinhos mimados dele como seus filhos, ainda ninguém na minha vida tivera, na verdade, um filho *humano*. Lidar com crianças pequenas vinte horas por semana num cargo de atendimento ao público foi uma introdução difícil a esse domínio.

No entanto, trabalhar na biblioteca continuava a ser o meu trabalho em *part-time* preferido, por todo o tempo de inatividade que trazia. Não tinha tanto tempo livre durante os meus turnos no Gossamer's, o café perto do meu futuro ex-apartamento — o que era o *pior* aspeto desse emprego em particular.

— Hoje a tarde está calma — gracejou a Marcie, a minha gerente, da cadeira ao meu lado. A Marcie era uma mulher simpática, com 50 e muitos anos, que dirigia efetivamente a secção infantil. Era uma piada nossa comentar a pacatez do trabalho, porque *todas* as tardes eram pacatas ali. Entre a uma da tarde e as quatro, a maior parte dos leitores estava a dormir a sesta ou ainda estava na escola.

Eram duas da tarde. Apenas um miúdo tinha passado por ali nos últimos noventa minutos. Não só não era nada de especial, como era normal.

— Hoje está *mesmo* calmo — concordei, sorrindo para ela. Com isso, virei-me para o computador do balcão de atendimento.

Normalmente, o tempo de inatividade da biblioteca servia para pesquisar potenciais novos empregadores e candidatar-me a empregos. Eu não era exigente. Candidatava-me a qualquer coisa — mesmo que não tivesse nada que ver com arte — se promettesse

um ordenado melhor e horários mais regulares do que a minha situação atual.

Por vezes, aproveitava o tempo para pensar em futuros projetos de arte. Não tinha boa iluminação no meu minúsculo apartamento atual, o que dificultava o desenho e a pintura das imagens que serviam de base aos meus trabalhos. E, embora não conseguisse terminar os meus projetos na biblioteca, porque as minhas tintas sujavam tudo e os últimos passos implicavam incorporar objetos descartados na minha obra, o balcão de atendimento era grande e bem iluminado para que eu pudesse, pelo menos, fazer esboços preliminares com um lápis.

Hoje, porém, precisava do tempo livre para responder àquele anúncio suspeito da Craigslist. Podia ter respondido mais cedo, mas não o fizera — em parte, porque ainda estava cética, mas sobretudo porque, há umas semanas, me tinha livrado do *wi-fi* para poupar dinheiro.

Acedi ao anúncio no computador. Não tinha mudado desde a última vez que o vira. O estilo estranhamente formal era o mesmo. O valor absurdo da renda também era o mesmo e fazia soar tantos alarmes agora como quando o vira pela primeira vez. Mas a minha situação financeira também não tinha mudado. Os empregos na minha área continuavam a ser difíceis de encontrar. E pedir ajuda ao Sam — ou aos meus pais contabilistas, que gostavam demasiado de mim para admitirem na minha cara a desilusão que eu era — continuava impensável.

E o meu senhorio continuava a querer despejar-me na semana seguinte. O que, para ser justa, nem sequer lhe podia censurar. Nos últimos dez meses, ele aguentara muitos pagamentos em atraso e contratemplos de soldadura relacionados com arte. No lugar dele, provavelmente também me despejaria.

Antes de conseguir convencer-me do contrário, e com a voz preocupada do Sam a soar-me aos ouvidos, abri o meu e-mail. Percorri

a minha caixa de entrada — um anúncio de uma venda de dois por um no Shoe Pavilion, um título do *Chicago Tribune* sobre uma bizarra série de assaltos a bancos de sangue locais — e depois comecei a escrever.

De: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]

Para: fjfitzwilliam@gmail.com

Assunto: Anúncio de apartamento

Vi o seu anúncio na Craigslist à procura de uma pessoa com quem dividir o apartamento. O meu contrato de arrendamento termina em breve e o seu apartamento parece-me perfeito. Sou professora de Belas-Artes, tenho 32 anos e moro em Chicago há dez. Não sou fumadora, nem tenho animais de estimação. No anúncio, diz que não costuma estar em casa à noite. Quanto a mim, quase nunca estou em casa durante o dia, por isso acho que este esquema funcionaria bem para ambos.

Imagino que tenha recebido muitas candidaturas ao apartamento, dada a localização, o preço e tudo o resto. Mas, para o caso de o quarto ainda estar disponível, incluí uma lista de referências. Espero ter notícias suas em breve.

Cassie Greenberg

Senti uma pontada de culpa ao pensar no quanto adulterara alguns pormenores importantes.

Para começar, tinha acabado de dizer àquele desconhecido que era professora de Belas-Artes. *Em rigor*, era verdade. Era o que eu tinha estudado na faculdade, e não é que não *quisesse* ensinar. Mas, no meu primeiro ano de faculdade, apaixonei-me profundamente pelas artes aplicadas e pelo design, e depois, no meu último ano, fiz um curso

em que estudámos Robert Rauschenberg e o seu método de combinar a pintura com trabalhos de escultura. E foi isso que me aconteceu. Imediatamente após a licenciatura, lancei-me num mestrado em Artes Aplicadas e Design.

Adorei cada segundo.

Até, claro, ter acabado o mestrado. Foi então que percebi, rapidamente, que a minha visão artística e as minhas habilitações eram demasiado específicas para atrair a maioria dos agrupamentos escolares que contratavam professores de Belas-Artes. Os departamentos de arte das universidades eram mais abertos, mas conseguir algo mais estável do que uma vaga temporária de adjunta numa universidade era como ganhar a lotaria. Por vezes, ganhava dinheiro extra em exposições de arte, quando alguém que, como eu, via uma espécie de beleza irónica nas latas de *Coca-Cola* enferrujadas, trabalhadas em paisagens à beira-mar, comprava uma das minhas peças. Ora, não acontecia muitas vezes. Por isso, sim: embora, tecnicamente, eu fosse professora de Belas-Artes, a maior parte do meu rendimento, desde que terminei o mestrado, vinha de trabalhos em *part-time* mal pagos, como este.

Nada disto me fazia parecer uma potencial inquilina atrativa. Nem o facto de as minhas *referências* não serem antigos senhorios — nenhum dos quais teria coisas boas a dizer sobre mim —, mas apenas o Sam, o Scott e a minha mãe. Mesmo que eu fosse uma desilusão para os meus pais, eles não iriam querer que a sua única filha ficasse sem abrigo.

Depois de uns momentos de angústia, decidi que não importava se tinha aldrabado um pouco. Fechei os olhos e cliquei em *Enviar*. O que é que poderia acontecer? A pessoa — um absoluto desconhecido — descobriria que eu tinha mentido e não me deixaria morar lá?

Fosse como fosse, eu nem sabia se queria o apartamento.

Tive menos de dez minutos para me preocupar com isso até receber uma resposta.

De: Frederick J. Fitzwilliam [ffitzwilliam@gmail.com]

Para: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]

Assunto: Anúncio de apartamento

Prezada menina Greenberg,

Obrigado pela amável mensagem a expressar interesse no quarto vago. Conforme consta do anúncio, o quarto está decorado num estilo moderno, mas de bom gosto. Creio, e foi-me dito por outras pessoas, que é também bastante espaçoso no que diz respeito a quartos de hóspedes. Para responder à pergunta não formulada: o quarto continua inteiramente disponível, se continuar interessada nele. Queira avisar-me com a antecedência possível se pretende mudar-se, para eu mandar tratar da papelada necessária para sua assinatura.

Seu, de boa saúde,
Frederick J. Fitzwilliam

Fiquei a olhar para o nome no fim do e-mail.

Frederick J. Fitzwilliam?

Mas que espécie de nome era aquele?

Voltei a ler o e-mail, tentando assimilar o que dizia, enquanto a Marcie pegava no telemóvel para dar a sua vista de olhos diária ao Facebook.

Ora bem, a pessoa que pretendia dividir o apartamento era um homem. Ou, pelo menos, alguém com um nome tradicionalmente masculino. Isso não me incomodou. Se eu fosse morar com ele, o Frederick não seria o primeiro homem com quem teria morado desde que saí da casa dos meus pais.

O que me incomodava, porém, era... tudo o resto. O e-mail estava redigido de maneira tão estranha e formal que fiquei a pensar na idade da pessoa. E depois havia a suposição esquisita de que eu estaria disposta a mudar-me para lá sem ver o sítio.

Tentei ignorar estas apreensões, lembrando-me de que tudo o que me importava era que o apartamento estivesse em condições e que o homem não fosse um assassino qualquer.

Precisava de ver o local e conhecer o Frederick J. Fitzwilliam em pessoa, antes de me decidir.

De: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]
Para: Frederick J. Fitzwilliam [ffitzwilliam@gmail.com]
Assunto: Anúncio de apartamento

Olá, Frederick.

Estou muito contente por ainda estar disponível. A descrição parece-me ótima e gostaria de ver o quarto. Estou livre amanhã, por volta do meio-dia, se for possível para si. Além disso, poderia enviar-me algumas fotografias? Não tinha nenhuma no anúncio da Craigslist, e eu gostava de ver algumas antes de aí ir.

Obrigada!
Cassie

Mais uma vez, tive de esperar apenas alguns minutos até receber a resposta.

De: Frederick J. Fitzwilliam [ffitzwilliam@gmail.com]
Para: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]
Assunto: Anúncio de apartamento

Viva, novamente, menina Greenberg.

É bem-vinda para visitar o apartamento. Faz todo o sentido que o pretenda ver antes de tomar uma decisão. Receio que amanhã esteja

indisposto ao meio-dia. A menina estaria livre depois do pôr do sol? Normalmente, estou no meu melhor durante as horas noturnas.

Conforme o seu pedido, anexeí fotografias de duas divisões de que, provavelmente, a menina se servirá com frequência, caso venha para cá morar. A primeira é do quarto de hóspedes, tal como está decorado atualmente. (A menina poderá, claro, mudar a decoração como lhe aprouver, se decidir vir viver para cá). A segunda fotografia é da cozinha. (Pensei que tinha incluído as duas fotografias quando criei o anúncio na Craigslist. Talvez o tenha feito incorretamente.)

Seu, de boa saúde,
Frederick J. Fitzwilliam

Depois de ler o e-mail do Frederick, cliquei nas fotografias que ele me enviou e...

Eh, lá.

Eh, lá.

Ora bem.

Eu não sabia qual era a cena do gajo, mas ele, claramente, não vivia na mesma esfera socioeconómica que eu. Também era possível que não vivêssemos no mesmo século.

A cozinha não era apenas diferente de todas as outras cozinhas, em todos os outros sítios onde eu já tinha vivido.

Parecia pertencer a uma época completamente diferente.

Nada nela parecia ter sido feito nos últimos cinquenta anos. O frigorífico tinha uma forma estranha, um pouco oval em cima e muito mais pequeno do que a maioria dos frigoríficos que eu já tinha visto. Não era cromado, nem preto, nem creme — as únicas cores que eu associava aos frigoríficos —, mas sim de um tom muito invulgar de azul-claro.

Combinava na perfeição com o forno ao lado.

Lembrava-me vagamente de ter visto eletrodomésticos assim, num episódio colorizado da série *I Love Lucy*, que via em miúda. Fiquei com uma sensação estranha e desorientada quando tentei conciliar a ideia de uma cozinha antiga assim existir num apartamento moderno.

Por isso, decidi parar de tentar e passei para a fotografia do quarto. Era grande, tal como dizia no anúncio da Craigslist. De algum modo, parecia ainda mais antiquado do que a cozinha. A cómoda era linda, feita de uma madeira escura que não consegui identificar, com entalhes ornamentados ao longo do tampo e nos puxadores. Parecia algo que se encontraria numa exposição de antiguidades. A colcha, grande, floral, provavelmente feita à mão, que cobria a cama também parecia uma relíquia.

Quanto à cama propriamente dita, era uma cama de dossel, palavra de honra, com a cobertura em renda branca. O colchão era alto e parecia sumptuoso e confortável.

Pensei em toda a mobília de segunda mão que havia no meu futuro ex-apartamento. Se me mudasse para ali, poderia deixar tudo numa loja de consignação.

As fotografias e os e-mails sugeriam que, embora o Frederick pudesse ser muito mais velho do que eu, provavelmente não roubaria todas as minhas coisas no dia seguinte à minha mudança.

Eu conseguia lidar com um companheiro de casa confrangedor, que talvez estivesse na casa dos 70, desde que não me fosse roubar ou matar.

Por outro lado, não se consegue perceber muito pelo tom de um e-mail.

De: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]
Para: Frederick J. Fitzwilliam [ffitzwilliam@gmail.com]
Assunto: Anúncio de apartamento

Frederick,

Bem, as fotos são fantásticas. A sua casa parece ótima! Quero mesmo vê-la, mas amanhã à noite só posso ir por volta das oito. É muito tarde? Diga-me alguma coisa, e obrigada.

Cassie

A resposta seguinte chegou em menos de um minuto.

De: Frederick J. Fitzwilliam [ffitzwilliam@gmail.com]
Para: Cassie Greenberg [csgreenberg@gmail.com]
Assunto: Anúncio de apartamento

Prezada menina Greenberg,

Às oito horas de amanhã à noite encaixa perfeitamente no meu horário. Vou tratar de que esteja tudo num brinco para si.

Seu, de boa saúde,
Frederick J. Fitzwilliam

Nessa noite, o Sam passou por minha casa com um monte de caixotes para a mudança e dois cafés *Starbucks Venti*.

— Puxa uma cadeira — disse eu, apontando para o sítio onde costumava estar a minha poltrona velha e em segunda mão. Vendera-a no Facebook por trinta dólares, no dia anterior, que era mais ou menos o que ela valia.

O Sam sorriu e, com cuidado, abriu um caixote de papelão no chão antes de se sentar sobre ele de pernas cruzadas.

— Ora, com tua licença — disse.

— Obrigada por trazeres isso — agradecei, apontando com a cabeça para os caixotes. Mesmo que acabasse por não me mudar para o quarto totalmente mobilado do Frederick, só tencionava levar comigo, daquele lugar, a minha roupa, os meus materiais de arte e o meu portátil. Só o essencial, mas, ainda assim, precisava de caixotes para empacotar tudo.

— Na boa — respondeu o Sam. Passou-me o café que eu lhe tinha pedido. Dissera-me que me trazia o que eu quisesse, mas sentir-me-ia culpada se pedisse a bomba de açúcar nas cores do arco-íris que *realmente* queria, pelo que pedi apenas um café simples.

— Estou ansiosa por voltar a viver num sítio com *wi-fi* — pensei alto, dando um gole. Fiz uma careta por causa do travo amargo. Como é que alguém pode gostar de beber café simples? Era algo que me perguntava quando estava a trabalhar no Gossamer's. — Sinto falta da *Drag Race*.

O Sam fez um ar afrontado.

— Mas tenho-te mantido informada sobre os vencedores, não tenho?

Fiz um gesto de descaso.

— Não é a mesma coisa. — Há muito que os *reality shows* eram um prazer culpado para mim, e os resumos secos do Sam não bastavam. — Seja como for, vais comigo amanhã à noite, não vais?

— Claro — respondeu ele. — A ideia foi minha, não foi?

— Foi *mesmo*.

— Se é para lá estares às oito, devo ir buscar-te por volta das sete e quarenta e cinco. Achas que dá?

— Sim. É quando saio do turno na biblioteca.

A biblioteca organizava atividades especiais para os miúdos às terças-feiras à noite, o que significava que estaria tudo a postos até

às sete e meia. Para ser sincera, eu adorava as noites de terça-feira na biblioteca. Normalmente, havia algum tipo de atividade relacionada com artes e ofícios, e eu podia fazer de conta, durante algum tempo, que a criação ainda era uma parte importante da minha vida.

Tinha feito uma nota mental para deixar de fora a minha t-shirt da *Rua Sésamo* que dizia «Ler é para os Vencedores!» quando começasse a fazer as malas. A biblioteca gostava que nos vestíssemos a rigor para os miúdos, às terças-feiras.

— Ótimo — disse o Sam. — Se te for buscar a essa hora, teremos muito tempo para chegar ao apartamento. Embora... — Ele calou-se e olhou para o seu café. Reconheci aquele olhar preocupado.

— O que foi?

Ele hesitou.

— Provavelmente, não é nada. Mas é bom que saibas que não consegui encontrar nenhum Frederick J. Fitzwilliam quando o procurei no Google hoje.

Fiquei a olhar para ele.

— O quê?

— Pois. — O Sam bebericou o café, com um ar contemplativo. — Se a minha formação em Direito Criminal me ensinou alguma coisa, é que nunca deves ir viver com alguém sem investigar primeiro. Por isso, procurei-o online, pensando que um nome como *Frederick J. Fitzwilliam* se encontraria em dois segundos, mas...

Abanou a cabeça.

Aquele nó de ansiedade sempre presente no fundo do meu estômago apertou-se um pouco mais.

— Nada?

— Nada — confirmou o Sam. — Até verifiquei o arquivo criminal de Cook County. Não há nada, em lado nenhum, sobre um Frederick J. Fitzwilliam. — Fez uma pausa. — É como se ele não existisse.

Fiquei ali sentada, atónita. Numa época em que se podia saber tudo sobre toda a gente com uma simples pesquisa de dois minutos

na Internet, como era possível que o Sam não tivesse encontrado *nada*?

— Talvez seja um nome falso, que ele dá às pessoas que perguntam pelo apartamento — sugeriu o Sam. — A Craigslist pode ser sinistra. Talvez ele queira manter o anonimato.

Isso fez-me sentir um pouco melhor. Parecia plausível. Lembrei-me de uma altura, na faculdade, em que *gostava* que me tivesse ocorrido dar um nome falso a alguém na Craigslist. Licenciiei-me há dez anos e a Sociedade Literária da Younker College ainda não me deixara em paz.

— Sim — respondi. — Mas, se ele queria manter-se anónimo, porque é que incluiu um endereço de e-mail no anúncio? Podia ter usado a conta de e-mail anónima que a Craigslist gera automaticamente para quem põe anúncios.

O silêncio estendeu-se entre nós, enquanto ambos ponderávamos o que tudo isto poderia significar, interrompido apenas pelo som abafado do trânsito da rua, do lado de fora da minha janela.

Por fim, inclinei-me para o Sam e perguntei-lhe:

— Se este tipo se revelar o próximo Jeffrey Dahmer, prometes-me que vingas a minha morte?

O Sam resfolegou.

— Pensei que querias que eu fosse contigo. Se ele for o próximo Dahmer, estaremos os dois lixados. E também, possivelmente, mortos.

Não tinha pensado nisso.

— Bem visto. — Pensei um pouco. — Esperas no carro. Mando-te uma mensagem quando estiver lá dentro. Se eu não sair em trinta minutos, chamas a polícia.

— Claro — disse o Sam, sorrindo de novo. Só que, desta vez, o sorriso não lhe chegava aos olhos. Ele era sempre péssimo a esconder as suas preocupações. — Sabes, se eu e o Scott nos livrássemos de algumas das coisas repetidas que recebemos no casamento, tenho

a certeza de que poderíamos arranjar espaço para ti, até encontrares algo mais permanente.

Engoli o nó na garganta perante esta oferta renovada.

— Obrigada — respondi, e estava a falar a sério. Tive de desviar os olhos antes de acrescentar: — Vou... pensar nisso.

DOIS



Lista de tarefas do FJF: 15 de outubro

- 1. Limpar o pó dos móveis da sala de estar.*
- 2. Aspirar o quarto de hóspedes.*
- 3. Comprar alimentos para o frigorífico e para a despensa, antes da visita da menina Cassie Greenberg.*
- 4. Se a menina Greenberg não quiser arrendar o quarto de hóspedes, perguntar ao Reginald como incluir fotografias no anúncio, para evitar futuras interações desnecessárias com os candidatos.*
- 5. Renovar os livros requisitados à biblioteca.*
- 6. Escrever à mãe.*

O apartamento do Frederick ficava numa parte do Lincoln Park aonde eu raramente ia. Ficava apenas uns quarteirões a leste do lago, na ponta de uma fileira de moradias centenárias em banda que, se tivesse de adivinhar, provavelmente custariam vários milhões de dólares, cada.

Recusei-me a pensar nisso. Já era intimidante respirar o mesmo ar que as pessoas que moravam ali. Não havia necessidade de piorar

as coisas, pensando que eu nunca conseguiria morar ali sem ganhar a lotaria, ou sem me virar para uma vida de crime organizado.

— Vou procurar estacionamento — disse o Sam, quando saí do carro. Olhei para trás; ele estava outra vez com um ar preocupado.

— Manda-me uma mensagem quando entrares, está bem?

— Está bem — prometi, tremendo um pouco.

Ambos nos acalmáramos ligeiramente quando percebemos que *Frederick J. Fitzwilliam* poderia tratar-se somente de um pseudónimo na Craigslist. Mas toda a situação ainda parecia esquisita.

Apertei mais o lenço ao pescoço. Outubro em Chicago era sempre mais frio do que o estritamente necessário. O vento também soprava forte, ali perto do lago. Entrava-me pela t-shirt fina como tesoura em papel.

Provavelmente, devia ter vestido o casaco de inverno, mesmo que tivesse ficado salpicado com a tinta do evento desta noite na biblioteca.

Mais especificamente, o evento *ridiculamente divertido* desta noite na biblioteca, que eu e a Marcie organizámos inteiramente sozinhas. Se o número de crianças chorosas que tiveram de ser levadas ao colo para fora da biblioteca quando o evento terminou fosse indicativo, a «Noite para Pintar a Tua Princesa Disney Favorita» tinha sido um sucesso estrondoso. Não conseguia deixar de sorrir quando pensava nisso — apesar de estar mal vestida para o clima e a tremer, e apesar de saber que, entre a minha t-shirt da *Rua Sésamo*, dada pela biblioteca, as calças de ganga puídas do tempo e nada na moda, e os *All Star* cor de laranja com um buraco num dos dedos, provavelmente parecia que me tinha vestido dentro de um armário escuro cheio de materiais de arte.

Quem me dera que todas as noites na biblioteca fossem noites de arte, embora soubesse porque é que não era possível. A noite de arte acabava invariavelmente com a secção infantojuvenil num caos total, com salpicos de tinta em todas as superfícies e várias substâncias misteriosas no tapete. As monitoras — eu e a Marcie — passavam dias a limpar tudo.

De algum modo, porém, nada disso importava. Era impossível estar de mau humor quando acabara de ter um pincel na mão, de ajudar um rapazinho sorridente a pintar uma Ariel com cabelo ruivo brilhante, e fui paga para o fazer. Mesmo que, agora, fosse conhecer um potencial novo companheiro de casa que poderia, ou não, ser um assassino em série.

Sentia-me aliviada por ter o Sam lá fora à espera, só por precaução.

Olhei para o telemóvel para confirmar a morada e o código da campainha que o Frederick me tinha enviado por e-mail. Apressei-me a chegar ao edifício e introduzi rapidamente o código para entrar, depois subi os três lanços de escada até ao último andar. Esfreguei as mãos geladas, saboreando o relativo calor da escada aquecida, depois de ter passado menos de dois minutos na rua, naquilo que se fazia passar por outono em Chicago.

Quando cheguei ao último andar — onde ficava o apartamento do Frederick —, um tapete cor-de-rosa a dizer «Bem-vindos!» em frente à porta saudou-me. Tinha um cachorrinho *golden retriever* e um gatinho a aconchegarem-se num campo de erva alta, e era capaz de ser a coisa mais pirosa que eu já vira fora de uma loja Hobby Lobby.

Estava tão deslocado naquele prédio luxuoso e multimilionário que me perguntei se o frio teria feito alguma coisa ao meu cérebro e se teria imaginado aquilo.

Então, a porta do apartamento abriu-se antes de eu ter oportunidade de bater — e, de repente, eu já não estava a pensar no tapete de boas-vindas.

— Deve ser a menina Cassie Greenberg. — A voz do homem era profunda e sonora. Eu conseguia *senti-la*, de algum modo, no fundo do meu estômago. — Eu sou o Sr. Frederick J. Fitzwilliam.

Ocorreu-me, enquanto piscava os olhos estupidamente para aquele que poderia vir a ser o meu novo companheiro de casa, que não tinha realmente considerado a aparência da pessoa por detrás do anúncio. Não fora um aspeto importante. Eu precisava de um sítio

barato para ficar, e o apartamento do Frederick era barato — mesmo que todas aquelas circunstâncias fossem um pouco estranhas.

Eu tinha passado boa parte do dia a pensar se teria sido boa ideia enviar-lhe um e-mail, ou se ele poderia ser um psicopata. Mas o aspeto dele? Isso não me tinha passado pela cabeça.

Contudo, e agora que estava ali, a menos de dois metros de distância do homem mais lindo que eu já tinha visto... *a única coisa* em que conseguia pensar era no aspeto do Frederick J. Fitzwilliam.

Parecia ter, talvez, uns 30 e poucos anos, embora tivesse um daqueles rostos compridos, pálidos e ligeiramente angulares em que se torna difícil perceber. E a sua voz não era a única coisa com altos valores de produção. Não, ele também tinha cabelo preto ridiculamente espesso, que lhe caía sobre a testa, como se tivesse saído de um drama de época com pessoas com sotaque britânico a beijar-se à chuva. Ou como se ele fosse o herói do último romance histórico que eu tinha lido.

Quando me brindou com um leve sorriso expectante, apareceu uma covinha na bochecha direita.

— Eu... — balbuciei. Porque ainda tinha juízo suficiente para me lembrar de que, quando alguém se apresentava, o costume social ditava que se dissesse *algo* em resposta. — O senhor é... hum.

Por esta altura, já gritava interiormente comigo mesma para acordar. Eu não era pessoa, normalmente, de ficar embasbacada a olhar para os outros, nem de entrar automaticamente em modo de luxúria quando conhecia alguém atraente. Pelo menos, não daquela maneira. Ainda não tinha a certeza se queria mudar-me para aquele apartamento — mas também não queria que o tipo me recusasse logo de início só porque eu estava a agir de maneira esquisita e imprópria.

Não importava que o Frederick J. Fitzwilliam tivesse o tipo de corpo robusto e musculado indicativo de ter levado equipas de futebol à vitória quando era mais novo, e de ainda treinar regularmente agora.

Não *importava* que usasse um fato de três peças perfeitamente à sua medida, o casaco cinzento-antracite e a camisa branca engomada colados àqueles ombros largos como se tivessem sido feitos especificamente para o seu corpo, ou que as calças cinzentas a condizer lhe ficassem igualmente a matar.

Nada disso importava, porque era apenas alguém com um quarto que eu talvez esperasse arrendar. Nada mais.

Tinha de me controlar.

Tentei focar-me nos aspetos mais excêntricos da indumentária — o lenço azul ao pescoço, os sapatos clássicos e bem engraxados —, mas não ajudou. Mesmo com aqueles acessórios invulgares, continuava a ser o homem mais bonito que eu já vira.

Enquanto eu estava ali, a mandar-me parar de olhar embasbacada para ele, sem, no entanto, conseguir fazer qualquer outra coisa, o Frederick olhava para mim com uma expressão intrigada. Eu não sabia bem o que havia para ficar intrigado. Ele *tinha* de ter a noção de que era perdido de bom, certo? Estaria habituado a provocar aquela reação nas pessoas. Provavelmente, tinha de afastar as pessoas excitadas com um pau de cada vez que saía de casa.

— Menina Greenberg?

O Frederick inclinou a cabeça para o lado, provavelmente à espera de que eu formasse uma frase completa. Quando não me saiu nada, ele avançou para a zona da entrada — muito provavelmente para ver de perto a esquisitoide que acabara de lhe aparecer à porta.

Mas os seus olhos já não estavam em mim. Estavam no chão, fixos no tapete foleiro a meus pés.

Olhou com um ar carrancudo para aquela coisa estúpida, como se esta o tivesse ofendido.

— O Reginald — murmurou baixinho. Ajoelhou-se e agarrou no tapete de boas-vindas com as duas mãos. Eu *não* olhei, obviamente, para o seu rabo perfeito enquanto o fez. — Pensa que é muito engraçado, não é?

Antes que eu pudesse perguntar quem era o Reginald, ou do que ele estava a falar, o Frederick voltou a atenção para mim. Eu devia estar com um ar bastante esgrouviado, porque a sua expressão suavizou-se de imediato.

— A menina Greenberg encontra-se bem? — A sua voz profunda transmitia o que parecia ser uma preocupação genuína.

Consegui, com dificuldade, desviar os olhos do seu rosto perfeito e olhei fixamente para os meus pés. Até me encolhi só de ver os velhos tênis sujos de tinta e muito surrados. Estava tão nervosa que me esquecera de que aparecera ali coberta de tinta e com a pior roupa que tinha.

— Estou bem — menti. Endireitei-me um pouco mais. — Só estou... Sim, só estou um pouco cansada.

— Ah. — Ele anuiu, compreensivo. — Estou a ver. Bem, menina Greenberg... ainda está interessada em ver o apartamento hoje para determinar se é adequado às suas necessidades? Ou talvez prefira remarcar, dado o cansaço e a... — Deixou o resto da frase em suspenso e o seu olhar percorreu-me lentamente, observando cada parte da minha roupa.

Fiquei corada de vergonha. Está bem, sim... claramente estava mal vestida para vir aqui. Mas não era preciso fazer alarido disso, pois não?

De certa forma, porém, estava grata. Ele podia ser o homem mais atraente que eu alguma vez vira, mas as pessoas que eram snobes em relação às aparências eram um dos meus ódios de estimação. A reação dele à minha roupa ajudou-me a sair do meu ridículo estado de fuga de excitação e a voltar à realidade.

Abanei a cabeça.

— Não, está tudo bem. — Afinal, eu ainda precisava de um sítio para morar. — Mostre-me o apartamento. Eu estou bem.

Ele parecia aliviado com isso — embora eu não conseguisse entender porquê, dado parecer pouquíssimo impressionado comigo, ou mal impressionado, até.

— Ora bem. — Fez-me um leve sorriso. — Faça o favor de entrar, menina Greenberg.

Eu tinha visto as fotografias que ele tinha enviado, por isso pensei que estava preparada para o que me esperava lá dentro. Vi imediatamente que as fotografias não faziam jus ao sítio.

Eu contava que fosse chique. E era.

Só não contava que fosse também... *estranho*.

A sala de estar — tal como as fotografias da cozinha e do quarto de hóspedes que o Frederick me tinha enviado — parecia cristalizada no tempo, mas não de uma forma que eu conseguisse exprimir por palavras, e também não cristalizada num período específico que eu conseguisse designar. A maior parte da mobília e as peças decorativas nas paredes pareciam caras, mas estava tudo misturado numa tal confusão de vários estilos e várias épocas que me fazia doer a cabeça.

Dezenas de arandelas de latão brilhante criavam o tipo de iluminação fraca e envolvente que eu só tinha visto em filmes antigos e casas assombradas. E a sala não estava apenas mal iluminada. Também era simplesmente... escura. As paredes estavam pintadas num tom escuro de castanho-chocolate; lembrava-me vagamente de ter aprendido, nas aulas de História da Arte, que era moda na era vitoriana. Duas estantes altas, de madeira escura, que deviam pesar uma tonelada cada, erguiam-se como sentinelas silenciosas em cada extremidade da sala. Em cima de cada uma, havia um candelabro ornamentado de latão e malaquite, que mais parecia digno de uma catedral europeia do século XVI. Chocavam em estilo, e em todas as outras formas imagináveis, com os dois sofás de pele preta de aspeto muito moderno, frente a frente no centro da sala, e com a austera mesa baixa com tampo de vidro também ao centro. Esta última tinha um monte do que pareciam ser romances da época da Regência empilhados numa das pontas, aumentando ainda mais a incongruência da cena.

Além do verde-pálido dos candelabros, a única outra cor que se encontrava na sala de estar era no grande tapete oriental, floral e

berrante, que cobria a maior parte do chão; os olhos vermelhos brilhantes de uma cabeça de lobo empalhada, profundamente sinistra, pendurada sobre a lareira; e as cortinas de veludo vermelho-escuro de cada lado das janelas, que iam do chão ao teto.

Estremeci, e não apenas porque a sala estava gelada.

Em suma, a sala de estar era a confirmação de algo que eu já sabia há anos: as pessoas com dinheiro tinham, muitas vezes, péssimo gosto.

— Então, gosta de salas escuras, hem? — perguntei. Talvez fosse a coisa mais ridícula e óbvia que eu poderia ter dito, mas foi também a menos ofensiva de que me lembrei. Olhei para o tapete enquanto esperava que ele respondesse, tentando perceber se as flores que eu pisava seriam peónias.

Uma longa pausa.

— Eu... prefiro sítios pouco iluminados, sim.

— Mas aposto que tem muita luz aqui durante o dia. — Aponte para as janelas na parede leste da sala. — Deve ter uma vista fabulosa sobre o lago.

Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente.

Olhei para ele, surpreendida.

— Não sabe?

— Dada a nossa proximidade com o lago e o tamanho destas janelas, posso deduzir que quem quiser poderá ver o lago muito bem daqui. — Mexeu num grande anel de ouro no dedo mindinho; tinha uma pedra vermelho-sangue engastada. — No entanto, eu mantenho as cortinas fechadas durante o dia. — Antes que eu pudesse perguntar porque é que ele desperdiçaria uma vista daquelas, sem nunca a contemplar, ele acrescentou: — Se a menina decidir mudar-se para cá, poderá abrir as cortinas sempre que quiser ver o lago.

Estava prestes a dizer-lhe que era exatamente isso que faria, se me mudasse para ali, quando o meu telemóvel vibrou no bolso da frente das calças.

— Hum — disse, confrangida, tirando-o do bolso. — Só um segundo.

Bolas. Era o Sam.

No choque de ver que o Frederick era perdido de bom, esquecera-me de dizer ao Sam que não estavam a assassinar-me.

Cassie? Estás bem?

Estou a tentar não me passar.

Por favor, responde imediatamente para eu não começar a afligir-me com a ideia de teres sido cortada em pedaços e enfiada em sacos de congelação.

Estou bem

Distraí-me com a visita ao apartamento

Desculpa

Está tudo bem

Então o Frederick não é um assassino?

Se for, ainda não me tentou matar

Mas não acho que seja um assassino

Acho que talvez seja apenas MUITO estranho

Mando-te uma mensagem quando sair

Enviei ao Sam uma oferenda de paz, num *emoji* de coração cor-de-rosa, caso ele estivesse zangado.

— Desculpe — disse, outra vez confrangida, enfiando o telemóvel no bolso das calças. — O meu amigo trouxe-me até cá. Só queria saber se estava tudo bem.

O Frederick sorriu — um sorriso torto que me fez esquecer que ele era esquisito e snobe demais para eu o achar atraente.

— É muito inteligente da parte do seu amigo — comentou, anuindo apreciativamente. — Eu e a menina ainda não tínhamos sido devidamente apresentados quando combinámos encontrar-nos. Ora, menina Greenberg, vamos começar a visita?

Porém, a preocupação do Sam fez-me lembrar que, embora eu quisesse dar uma boa olhadela ao sítio, havia uma resposta importante de que eu precisava primeiro.

— Na verdade, antes disso, posso fazer uma pergunta?

O Frederick petrificou. Afastou-se com um pequeno passo, enfiando as mãos nos bolsos das calças cinzentas.

Passou-se mais um longo momento antes de me responder.

— Sim, menina Greenberg. — Cerrou o maxilar, a postura subitamente rígida. Parecia estar a ganhar coragem para enfrentar uma tarefa desagradável. — Pode perguntar o que quiser.

Endireitei os ombros.

— Está bem. Então, pode ser estúpido da minha parte perguntar isto, uma vez que estou prestes a argumentar contra os meus próprios interesses. Mas a curiosidade está, literalmente, a matar-me. Porque é que só pede duzentos dólares por mês?

Ele deu outro pequeno passo atrás, piscando os olhos para mim no que parecia ser confusão genuína. O que quer que ele estivesse à espera de que eu perguntasse, não era aquilo.

— Perdão?

— Eu sei qual deve ser o valor da renda num sítio como este — continuei. — Só pede, tipo, uma fração disso.

Uma pausa.

— Só?

Olhei para ele.

— Sim. Claro que só. — Gesticulei vagamente para o que nos rodeava, para as arandelas em latão e as estantes, para as janelas do chão ao teto e o sofisticado tapete oriental debaixo dos nossos pés. — Este sítio é fantástico. E a localização? *De loucos.*

— Estou... ciente dos atributos — respondeu o Frederick, parecendo atordoado.

— Certo — disse eu. — Então, qual é a razão? O preço que pede vai fazer com que todos os que virem o anúncio pensem que há algo de errado com o apartamento.

— Parece-lhe?

— Sei que sim — respondi. — Quase não vim por causa disso.

— Oh, não — resmungou ele. — Que valor teria sido apropriado?

Eu não podia crer naquilo. Como é que alguém suficientemente rico para viver ali podia ser tão ignorante do valor que possuía?

— Quer dizer... — Calei-me, tentando perceber se ele estaria a gozar comigo. O olhar sério e ligeiramente em pânico mostrou-me que não. O que não fazia sentido nenhum. Mas, se por acaso ele não soubesse mesmo que duzentos dólares por mês era um preço ridículo para o quarto, não seria eu a negociar contra os meus interesses, mais do que já tinha feito, indicando-lhe um montante exato. — Decididamente, mais de duzentos dólares por mês — acabei por responder.

Ele olhou para mim por um momento e depois fechou os olhos.

— Vou *matar* o Reginald.

Outra vez aquele nome.

— Desculpe, mas quem é o Reginald?

O Frederick abanou ligeiramente a cabeça.

— Oh. Sou... Esqueça. — Suspirou e apertou a cana do nariz.

— O Reginald é apenas... alguém que abomino. Deu-me péssimos

conselhos. Mas não há necessidade de se preocupar com isso, menina Greenberg. Nem com ele.

Eu não sabia o que responder àquilo.

— Oh.

— Deveras. — O Frederick pigarreou e continuou: — Seja como for, suponho que não se pode desfazer o que está feito. Se a menina quiser arrendar o quarto vago, não vejo necessidade de a castigar pelo meu erro, nem pela sua honestidade, aumentando o preço. Não me importo de deixar a renda mensal em duzentos dólares, se a menina se mudar para cá.

Encolheu os ombros. Como se a descoberta de que poderia receber muito mais dinheiro pelo quarto do que o valor que pedia não fosse nada de especial.

Eu é que não conseguia imaginar não me importar de perder tanto dinheiro.

Seria ele assim *tão* rico?

Talvez o mais importante fosse: se não se importava com o dinheiro que poderia ganhar arrendando o quarto, porque é que queria dividir o apartamento?

Não tive coragem de perguntar nada disso.

— Obrigada — limitei-me a dizer. — Manter a renda em duzentos dólares ajudar-me-ia mesmo muito.

— Ótimo — respondeu ele. — Agora, já que aparentemente chegámos à fase de *fazer perguntas* da visita, posso fazer-lhe uma pergunta *a si*, menina Greenberg?

O meu estômago revolveu-se. Teria a minha gratidão pela renda barata denunciado que embelezei a minha situação profissional no e-mail? Teria ele descoberto, sei lá como, que eu estava prestes a ser despejada?

Se fosse esse o tipo de conversa que estávamos prestes a ter...

Bem. Mais valia despachar isso.

— Pergunte à vontade — respondi, sentindo-me nervosa.

— Embora espere, sinceramente, que quem se mudar para a minha casa sinta que esta é também a *sua* casa, há duas divisões que permanecem estritamente interditas — disse ele, com um ar muito sério. — Se a menina se mudar para cá, preciso da sua promessa de que ficará fielmente longe desses espaços durante toda a nossa coabitação. Concorda com isto?

— Que divisões?

O Frederick levantou um único e longo dedo.

— Primeiro, nunca poderá entrar no meu quarto.

— Com certeza — disse logo eu. — Faz sentido.

— Devido à natureza do meu... *negócio*, não estou em casa na maior parte das noites, e tenho de dormir durante o dia. — Ele fez uma pausa, observando a minha reação. — De um modo geral, descanso entre as cinco da manhã e as cinco da tarde, embora essas horas exatas possam variar ao longo dos próximos meses. Quando estou a dormir, é imperativo que me deixe descansar sem ser perturbado.

A minha mente agarrou-se à parte *devido à natureza do meu negócio*. A minha noção do que os diretores executivos, e outros empresários ricos, faziam na vida estava limitada ao que via na televisão — mas, mesmo assim, tinha a certeza de que os turnos noturnos não eram coisa normal para homens de negócios no geral.

Ele devia ser algum tipo de médico. Os médicos trabalhavam à noite, não era?

Fosse como fosse, pedir-me para não entrar no quarto dele parecia justo.

— É o seu quarto — disse eu. — Já percebi.

Isso pareceu agradar-lhe. Um sorriso espalhou-se-lhe pela cara.

— Ainda bem que concorda.

— Qual é o outro espaço onde não posso entrar?

— Ah. Pois. — Ele apontou para o que parecia ser um armário ao fundo do corredor. — Aquele.

Franzi o sobrolho.

— O que é que há lá dentro?

— A resposta a essa pergunta também está vedada.

Pronto, *isso* meteu-me algum medo. Talvez o Frederick fosse um assassino, no fim de contas.

— Não são... pessoas mortas, pois não?

Os seus olhos arregalaram-se.

— Pessoas mortas? — Ele parecia horrorizado, levando a mão ao peito de uma maneira que me fez lembrar uma velhota a agarrar-se às pérolas. — Pelas barbas do profeta, menina Greenberg! Porque é que pensa que eu teria pessoas *mortas* no meu armário ao fundo do corredor?

Parecia que ele estava a levar a piada um pouco a sério demais.

— Está bem, não tem pessoas mortas. Ao menos, pode dizer-me se o que está lá dentro é perigoso?

— Digamos apenas que tenho um passatempo bastante... *embaraçoso*. — Olhou para os pés, como se os seus sapatos fossem, de repente, a coisa mais interessante da sala. — Talvez um dia divulgue o recheio desse armário à pessoa que divida o apartamento comigo. Mas, se divulgar, tem de ser nos meus termos, na altura e da forma que eu entender apropriada. — Voltou a olhar para mim. — Não vou revelar o recheio hoje.

— O Frederick coleciona naperões, não é? — Não sei o que me deu para o provocar desta maneira. Mas as palavras saíram-me da boca antes de conseguir impedi-las. — Tem centenas deles nesse armário.

O canto da sua boca mexeu-se ligeiramente, como se tentasse refrear um sorriso.

— De todo — respondeu. — Não coleciono naperões.

Não entrou em mais pormenores. Desta vez, tive o bom senso de deixar o assunto. Encolhi os ombros e disse:

— Seja como for, não faz mal. São as suas coisas, e a casa é sua. Portanto, as regras são suas.

— Se a menina se mudar para cá, espero que venha a considerar que é a sua casa também. — Ele aproximou-se mais de mim, os olhos castanho-escuros a perscrutarem os meus. As pestanas eram tão longas e exuberantes, e o olhar tão penetrante, que senti os joelhos a fraquejar. Ele era mesmo injustamente atraente. — Além destas duas limitações, a menina terá usufruto e serventia totais e irrestritos da casa.

Engoli, tentando regular a respiração.

— Eu... acho que consigo viver com isso.

— Maravilhoso. — Desta vez, deixou que se abrisse um sorriso no seu rosto. — Agora, com isso fora do caminho, vamos ver o apartamento?

DOIS ESTRANHOS. UM APARTAMENTO. SERÁ AMOR À PRIMEIRA... DENTADA?

Cassie Greenberg está prestes a ser despejada quando encontra um quarto para arrendar a um preço demasiado bom para ser verdade. Sendo uma artista habituada a ter de conciliar vários trabalhos para conseguir pagar uma renda em Chicago, sabe que tem de haver algo de errado com aquele apartamento. Ou com o senhorio.

Claro que o seu novo companheiro de casa, Frederick J. Fitzwilliam, está longe de ser uma pessoa normal. Dorme durante o dia, passa a noite fora em trabalho e fala como se tivesse saído de um romance do século XIX. Além disso, escreve-lhe bilhetes enternecedores, aprecia a sua arte e interessa-se pelo seu dia a dia. E não fica nada mal em tronco nu, nas raras vezes em que os dois se cruzam pela casa. Mas quando Cassie encontra sacos de sangue no frigorífico, Frederick vê-se obrigado a ser sincero e contar-lhe a verdade.



O novo e atraente companheiro de casa de Cassie é um vampiro. E ele tem uma proposta para lhe fazer.

«Uma comédia romântica do outro mundo, em que tudo é delicioso, doce e sorrateiro.»

BOOKLIST

«Um romance que é bom até à última gota.»

PUBLISHERS WEEKLY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895831623



9 789895 831623 >